

Dinheiro.

Instituto Jones dos Santos Neves
Biblioteca

Custo chinês afasta a Mattel

O aumento de custos na China levou a Mattel, fabricante de brinquedos, a transferir parte da produção para o Brasil. A China vive um aumento rápido de salários.

EDITORA: ELAINE SILVA
ecferreira@redgazeta.com.br
Tel.: 3321.8327
agazeta.com.br/dinheiro

gazetadinheiro

ÁLCOOL COMBUSTÍVEL TECNOLOGIA É ARMA PARA BARATEAR PREÇO



Etanol feito com bagaço da cana chega às bombas em 2014

▲ RITA BRIDI
rbridi@redgazeta.com.br

O custo elevado da gasolina e a oferta limitada de etanol – os usineiros priorizam a produção de açúcar, quando o preço é melhor – são motivos mais do que suficientes para a busca de combustíveis alternativos objetivando atender à demanda do mercado.

Uma dessas alternativas é a primeira fábrica de etanol celulósico do Brasil, a GraalBio, que entrará em operação no início do próximo ano.

A unidade, que terá capacidade para produzir 82 milhões de litros por ano, está em processo de implanta-

ção e ficará em São Miguel dos Campos, no Estado de Alagoas. A primeira planta de etanol de segunda geração produzirá a versão celulósica a partir da palha e do bagaço da cana-de-açúcar.

Das 61 usinas do bio-combustível de segunda geração já anunciadas no mundo, apenas uma é brasileira, a GraalBio. O quadro indica que o Brasil, embora tendo grande oferta de matéria-prima, não conseguiu se destacar na corrida pela produção do etanol celulósico.

Com a inauguração da nova planta industrial, o etanol celulósico começa a sair do campo das ideias para

chegar aos postos de revenda de combustíveis no próximo ano. O combustível, o chamado etanol de segunda geração, é visto como a principal alternativa para aumentar a oferta sem a necessidade de crescimento significativo da área plantada.

As avaliações do mercado indicam que o custo do álcool feito da palha de cana tenha redução em três anos. De acordo com projeções conservadoras do setor produtivo, o consumo de etanol aumentará 45% até 2020. Com a produção de etanol a partir da celulose, será possível elevar a oferta entre 35% e 50%, sem a necessidade

de aumentar a área plantada com cana-de-açúcar.

No Espírito Santo, de acordo com informações da assessoria do Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural (Incaper), não há, em andamento, projetos de pesquisa para a produção de álcool celulósico. Os estudos feitos até então apontam as áreas mais indicadas para o plantio de culturas voltadas para a produção de biodiesel.

Segundo o consultor de energia Nelson Hélio Zanotti, se os custos não fossem tão elevados, os produtores de cana-de-açúcar

poderiam recolher a palha nas lavouras e produzir o etanol. Mas, para isso, seriam necessários investimentos elevados em tecnologia, e os custos altos inviabilizam os projetos.

Zanotti lembra que as usinas sucroalcooleiras, normalmente, produzem o que está com melhor colheita. Se o açúcar tem preço melhor que o etanol, a tendência é aumentar a produção de açúcar. Isso, destaca, traz instabilidade para o setor, porque o volume de produção não é constante. Se há a opção por produzir açúcar, o resultado é a redução na oferta de etanol.

“O etanol é o produto mais vulnerável do planeta”, reclama. Ele lembra que seu preço está atrelado ao do petróleo, não havendo espaço para diferença acentuada no preço dos dois combustíveis (etanol e gasolina).

Segundo o consultor, a questão tributária é um item complicador na produção de etanol no Espírito Santo. Na maioria dos Estados, a alíquota de ICMS incidente sobre o etanol é de 12%. Já no Espírito Santo, ela é de 27%. “Essa situação reduz muito a nossa competitividade”, enfatiza. (Com informações de agências).

Fibria pesquisa combustíveis à base de celulose

▲ A Fibria, maior produtora de celulose do país, está investindo no desenvolvimento de pesquisas voltadas à produção de combustíveis

líquidos e químicos a partir de biomassa, como resíduos florestais, explica o gerente geral do Centro de Tecnologia da Fibria, Fernando

Bertolucci.

A indústria de celulose firmou joint venture com a Ensyn. Com investimento inicial de US\$ 20 milhões, a Fibria tor-

nou-se acionista da empresa norte-americana. Inicialmente, a tecnologia da Ensyn será voltada à transformação de resíduos florestais da Fi-

bria em biocombustíveis que alimentarão as próprias plantas de celulose da companhia.

Mas, ao longo do tempo, a Fibria buscará

oportunidades para colocação dos produtos gerados no mercado consumidor, seja em consumidores industriais de óleo combustível, seja em refinarias de petróleo para co-refino.